

ESTABILIZAÇÃO: *Chile, Argentina e México tiveram planos apoiados no câmbio*

Experiência cambial dos vizinhos mostra que Brasil está indo pelo caminho certo

Economistas elogiam mudança na banda e dizem que a flexibilidade é essencial

Ana Magdalena Horta e Léa Cristina

• Deixar que o preço do dólar tenha margem para variar é fator fundamental para o sucesso de planos de estabilização. Foi assim no Chile. Não foi assim na Argentina, e ela quase se enrolou com a crise mexicana. Por isso, a mudança na banda cambial promovida semana passada pelo Banco Central foi muito bem-vinda, segundo analistas. Até porque a experiência internacional mostra que planos com âncora cambial funcionam bem, se acompanhados de um forte ajuste das contas públicas. Moral da história: o Brasil está indo pelo caminho certo. Enquanto não faz seu ajuste fiscal, ao menos permite que o câmbio tenha como se adequar melhor ao mercado.

Apontado como o país de economia mais sólida na América Latina, o Chile tentou uma experiência de câmbio fixo no início dos anos 80, que fez a moeda local se valorizar demais, provocando aumento das importações e queda das exportações. Houve quebra-deira de empresas e os bancos foram atrás. Com isso, o desemprego chegou a 30%. A partir de meados dos anos 80, foi adotado um regime de bandas — que hoje variam de acordo com a inflação — com forte ajuste fiscal:

— O Chile é a economia mais sólida da América Latina, nem tanto pelo câmbio, mas pelo forte ajuste fiscal: em seis anos, as contas públicas registram superávit de cerca de 2% do PIB — afirma o chefe do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Var-

gas (FGV), Carlos Langoni.

A Argentina não abriu mão do câmbio fixo — adotado há cinco anos — e essa política quase fez o país ir para o buraco por causa da crise mexicana, ano passado.

Isso porque a paridade de um para um do peso com o dólar provoca uma grande dor-de-cabeça quando se trata de equilibrar as contas públicas.

— Com o câmbio fixo, o Gover-

no só pode emitir moeda com lastro. O que faz com que o país fique muito dependente dos capitais externos — explica Honório Cume, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea).

O México adotou a banda cambial, mas não realizou o ajuste devido, deixando o câmbio supervalorizado. Essa foi uma das razões que fez o país quase falir em dezembro de 1994. Em consequência da crise, o PIB mexicano caiu 9% em 1995. Desde a crise, o país passou a um regime cambial quase livre, com intervenções esporádicas do Governo:

— Com o câmbio livre, as reservas aumentaram, passando a US\$ 15 bilhões em 1995. As exportações cresceram 33,2% no ano. — diz Ib Teixeira, da FGV.

No caso do Brasil, diz Langoni, a falta de acordo político em torno das reformas exige que o país dê mais flexibilidade ao câmbio para evitar o forte desequilíbrio na balança de pagamentos.

— Enquanto existir diferença entre a inflação brasileira e a mundial, e não tivermos ajuste fiscal, você tem que manter um regime cambial com certo grau de flexibilidade.

A partida, porém, ainda não está ganha. Para Aloísio Araújo, do Instituto de Matemática Pura Aplicada (Impa) e da FGV, a flexibilidade deve ser maior:

— Estamos no limite do racional. O câmbio é mantido com alguma rigidez, o que acarreta uma variação menor dos preços, desfavorecendo o setor exportador e a indústria e provocando taxas de juros altas. ■

